

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
LASEB - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

MOISÉS DA SILVA FREITAS

**Pintura na Educação Infantil: a influência da aplicação teórica e do surrealismo
no processo criativo das crianças.**

Belo Horizonte
2019
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

LASEB - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

MOISÉS DA SILVA FREITAS

Pintura na Educação Infantil: a influência da aplicação teórica e do surrealismo no processo criativo das crianças.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de pós-graduação *lato sensu* em educação básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Múltiplas Linguagens na Educação Infantil.

Orientador: Professor Dr. Cláudio Emanuel dos Santos

Belo Horizonte
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

F866p

Freitas, Moisés da Silva, 1977-

Pintura na educação infantil [manuscrito]: o surrealismo e o processo criativo das crianças / Moisés da Silva Freitas. - Belo Horizonte, 2019.

42 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Cláudio Emanuel dos Santos

1. Educação. 2. Educação de crianças. 3. Arte – estudo e ensino. 4. Prática de ensino. 5. Pintura. 6. Surrealismo.

I. Título. II. Santos, Cláudio Emanuel dos. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 707

Catálogo na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

Bibliotecário: Moema Brandao da Silva. CRB6 1581



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEPTUAGÉSIMO PRIMEIRO TRABALHO FINAL DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título "Pintura na Educação Infantil: o surrealismo e processo criativo das crianças", do(a) aluno(a) **Moisés da Silva Freitas**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Cláudio Emanuel dos Santos (orientador) e Valmir Alcântara Alves. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho A Prova atribuindo-lhe a nota 100 conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Moisés da Silva Freitas Registro na UFMG : 2018750318
Moisés da Silva Freitas

Cláudio Emanuel dos Santos
Cláudio Emanuel dos Santos
Professor(a) Orientador(a)

Valmir Alcântara Alves
Valmir Alcântara Alves
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Aos meus pais e à Ângela.

AGRADECIMENTOS

À Deus por tudo.

À minha família, pelo apoio incondicional. À minha mãe e ao meu pai, Dona Dica e Seu João Mendes, pelo exemplo de vida, de caráter e pelos grandes ensinamentos.

Aos meus irmãos Daniel e Leandro, meus sobrinhos e cunhadas, amo a todos.

À Dra. Ângela Vieira Serufo, a qual eu chamo carinhosamente de Namorada, pelo apoio incondicional, pelo companheirismo, pelo carinho e muita paciência, pelo incentivo e por ser minha inspiração na vida e meu exemplo nos estudos. Sua mãe, Sônia (Dona Sogra) pelo carinho e incentivo.

Às colegas do LASEB pelo carinho cuidado com o único homem da turma, a convivência e a troca de experiências com vocês me proporcionaram os maiores aprendizados sobre a educação infantil.

À direção e colaboradores da EMEI Santa Amélia pelo apoio e carinho dedicado a esse trabalho. Às crianças da turma Pé de Moleque pela alegria em nossos momentos juntos. Em especial, às professoras Cristiane Paraíso, Selma Cássia e Roseni Gomes por suas significativas contribuições para esse trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Cláudio Emanuel dos Santos, pelas belíssimas e significativas orientações prestadas, pela paciência e confiança a mim destinados, pela agradável convivência, pelos conselhos que perdurarão pela vida, e, afinal, por permitir e contribuir para que este trabalho se concretizasse.

Ao membro da banca, Prof. Dr. Valmir Alcântara Alves, por se disponibilizar a avaliar esse trabalho e pela incalculável contribuição para que este trabalho tenha sido concluído com êxito e cumpra com seu principal objetivo de contribuir para a evolução da pesquisa.

Ao programa de Pós-Graduação LASEB, pelo suporte e pela oportunidade de participar deste tão estimado curso.

A todos os professores do LASEB que contribuíram constantemente com ensinamentos fundamentais ao direcionamento deste estudo.

A minha querida amiga, Ma. Úrsula Viana Mansur pela parceria e pela magnífica revisão deste trabalho.

A Prefeitura de Belo Horizonte e a equipe do Colégio Santo Agostinho pela confiança e incentivo para a realização desse curso.

A todos que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse concluir este trabalho.

Gratidão.

*A tinta é o elixir da felicidade.
Mou Freitas, 2019*

RESUMO

A educação infantil, enquanto importante momento da formação educativa na educação básica, majoritariamente, não conta com a execução da disciplina arte a partir de um professor especialista. Nesse sentido, é possível perceber que o conceito teórico da arte é pouco explorado nesse segmento escolar. O objetivo deste estudo foi compreender a influência de técnicas aplicadas à pintura e da linguagem do surrealismo no processo criativo de crianças de 05 anos, da EMEI Santa Amélia em Belo Horizonte. O desenvolvimento do trabalho foi realizado em duas etapas, nas quais foi aplicada pintura livre antes e após o estudo de técnicas de pintura, teoria das cores e do movimento surrealista. A observação de todo o processo de pintura das telas e do trabalho final, apontou diferenças principalmente no comportamento das crianças em relação ao processo de pintura da segunda tela. Este trabalho reafirma a importância da aplicação da teoria no campo das artes desde a infância como complementar ao processo criativo tão presente e inerente nesta fase da vida.

Palavras chave: Pintura, arte-educador, surrealismo, educação infantil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - PINTURA LIVRE.....	16
Figura 2 - DISCUSSÃO SOBRE “MISTURA DE CORES”.....	17
Figura 3 - A MÁGICA DA YASMIM	18
Figura 4 - RECIPIENTES APÓS A PINTURA DA TELA 1	19
Figura 5 - DESCOBRINDO A MISTURA DE CORES	20
Figura 6 - RESPONDENDO PINTANDO	21
Figura 7 - AULA TEÓRICA SOBRE SURREALISMO	22
Figura 8 - O CHAPELEIRO MALUCO.....	23
Figura 9 - CONCENTRAÇÃO E TEORIA.....	24
Figura 10 - CAUÃ E SEU BALÃO COM JOANINHAS.....	26
Figura 11 - ARTHUR E SUA RELEITURA DE MAGRITTE	26
Figura 12 - JÚLIA E SEU MUNDO DE UNICÓRNIO.....	27
Figura 13 - TÉCNICAS DE PINTURA.....	28
Figura 14 - O SEGREDO DOS ARTISTAS	29
Figura 15 - AULA TEÓRICA SOBRE TÉCNICAS DE PINTURA.....	29
Figura 16 - AULA TEÓRICA SOBRE TÉCNICAS DE PINTURA.....	30
Figura 17 - PINTURA EM SALA	30
Figura 18 - PINTURA DA TELA 2	31
Figura 19 - INÍCIO DA PINTURA DA TELA 2	32
Figura 20 - OS EXPERIMENTOS DE CORES CONTINUAM	33
Figura 21 - TINTAS AO FINAL DA PRIMEIRA TELA	34
Figura 22 - TINTAS AO FINAL DA SEGUNDA TELA.....	34
Figura 23 - TELA 1	35
Figura 24 - SOL AMARELO	36
Figura 25 - FIGURA COM SOL AZUL.....	37
Figura 26 - TELA 2	38
Figura 27 - DAVI E O HOMEM COM CABEÇA DE SOL.....	39
Figura 28 - A CASA AMARELA	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. É SÓ COLORIR OU POSSO FAZER MAIS?	11
3. O PÉ DE MOLEQUE DA EMEI SANTA AMÉLIA.....	13
3.1 Chegando à escola.....	13
3.2 Primeiro dia de pintura: organização do trabalho e a pintura livre.....	14
3.2.1 A misturas das cores.....	17
3.3 “PORQUE A GENTE MISTUROU”	19
3.4 “Esse pintor era doidão”: o contato com o surrealismo.....	21
3.4.1 “Eu sonhei que estava num mundo de unicórnio e ele era todo de arco íris”:XX XXXXredesenhando Dali e Magritte.....	25
3.4.2 “Os segredos dos artistas”: um pouco de técnica.....	27
3.5 “ <i>Blu blá blá bli bluá</i> ”: a influência surrealista.....	31
3.5.1 “Que dia que a gente vai pintar a terceira tela?”: finalizando os trabalhos.....	33
4. AS DUAS TELAS.....	35
4.1 “Posso fazer o que eu quiser?”: criação livre.....	35
4.2 “NÃO É HOMEM SOL NÃO, É UM SOL E UMA ÁRVORE”: efeitos da teoria.....	38
5. CONCLUSÃO.....	41

1. INTRODUÇÃO

No dia-a-dia da educação infantil são usados diversos tipos de materiais e técnicas para a produção artística das crianças, mas o conceito artístico teórico, na maioria das vezes, não é trabalhado. A linguagem visual é predominante, principalmente nos primeiros anos, onde as crianças ainda não estão alfabetizadas. Recursos pedagógicos visuais e audiovisuais são usados diariamente nas salas de aula com intuito de inserir a criança dentro do universo da educação. Quanto à produção artística das crianças, diariamente elas são levadas a experimentar vários materiais e suportes diferentes: o giz de cera, o lápis de cor, canetinhas, tintas, pincéis e outros materiais fazem parte do cotidiano das crianças desde seus primeiros anos na educação.

Neste contexto, trabalhar a teoria é de fundamental importância, para que, desde cedo, as crianças entendam o tipo de produção artística que estão fazendo. Parte do problema da falta de conteúdo teórico da disciplina de artes na educação infantil se revela pela falta do professor especialista da área de artes nas escolas públicas, neste segmento escolar. Com a ausência do professor especialista em Arte no ensino infantil a aula de artes acaba ficando na responsabilidade do professor regente da turma.

O objetivo deste estudo foi compreender a influência de técnicas aplicadas à pintura e da linguagem do surrealismo no processo criativo de crianças de 05 anos, da EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) Santa Amélia, em Belo Horizonte.

Esta pesquisa ação parte da preocupação de não bloquear a criatividade tão presente na infância e, ao mesmo tempo, identificar o quanto a orientação teórica pode interferir na criatividade das crianças em processos do desenvolvimento em uma atividade artística.

Neste trabalho pude detectar, ao conversar com algumas professoras de diversas EMEIs, da rede pública de ensino da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que a maioria defende a presença do professor especialista dentro das Escolas de Educação Infantil.

Apresentar as obras e contar a história de grandes pintores, deixar as crianças apreciarem e comentarem as imagens, expor o tipo de materiais que eram usados pelo artista e o que ele buscava na sua obra pode parecer complexo para

crianças, mas pode ser um bom caminho para a inserção delas no mundo da teoria artística. A criança é um ser extremamente observador e essa característica contribui muito para a sua forma de representar através da expressão artística.

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social. (ALBINATI, 2009, p. 4)

Mesmo com 20 anos de experiência atuando como professor da disciplina Artes, eu me deparei, no ano de 2019, com uma situação nova e desafiadora: lecionar a disciplina artes para turmas de educação infantil. Já havia trabalhado em 2006 com ensino fundamental I em uma escola da Rede Municipal de Contagem e essa foi a menor faixa etária com a qual havia tido contato dentro de sala de aula. Depois disso passei toda minha trajetória como arte-educador, lecionando para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A experiência de proximidade com a educação infantil proporcionou-me uma reflexão que me levou a mudar vários conceitos e práticas enquanto arte-educador. Tenho observado mais de perto o cotidiano escolar na educação infantil e percebi o quanto a arte é presente e importante nesta fase educacional.

Este trabalho está estruturado em 03 partes. Na primeira é caracterizada a EMEI onde foi realizada a pesquisa, sua estrutura, localização, atual gestão, bem como a definição da turma e das crianças envolvidas. Na segunda parte é descrita a evolução do estudo: o primeiro contato com as crianças, o desenvolvimento prático das pinturas das duas telas, bem como, a descrição das aulas teóricas. Na terceira parte, para a compreensão do significado desta pesquisa, foi realizada uma análise correlacionando o processo de produção e o resultado final das duas telas produzidas.

2. É SÓ COLORIR OU POSSO FAZER MAIS?

É uma prática muito comum dar desenhos prontos para a criança colorir. Conheço muitos especialistas da área que criticam arduamente essa proposta de trabalho. O maior argumento contrário é que os desenhos prontos inibem a criatividade da criança e a limita a fazer somente o que lhe é dado. Particularmente, não vejo problema algum nos desenhos prontos para a criança colorir, desde que haja um conceito fundamentado no trabalho proposto. Colorir por colorir, ou para passar o tempo talvez não seja realmente uma boa prática, mas, o desenho pronto para colorir com o objetivo de aperfeiçoar a coordenação motora da criança, estudar a teoria das cores, estudar os elementos do desenho e da linguagem artística tornam essa atividade um trabalho valorizado.

Também é muito comum, ato que me causa incômodo, a chamada “maquiagem” nos trabalhos artísticos das crianças. Principalmente quando se tem uma mostra ou exposição voltada para os pais. Alguns educadores refazem o acabamento dos trabalhos das crianças, mudando suas características para que fiquem “bonitos”. Para Ostetto (2010), dentro da arte educação, a intervenção do adulto no fazer artístico da criança é um facilitador para organização do professor, mas interfere na produção das crianças.

Parece que o adulto “não aguenta” o processo da criança, suas experimentações, seu desordenamento, seus rabiscos... Em tudo, o adulto quer colocar ordem – a sua ordem – nomear, enquadrar e, então, acaba por interferir indevidamente na produção das crianças. Acaba por silenciar a voz da criança, restringindo seu processo de criação. (OSTETTO, 2010, p. 11).

Lecionar arte para educação infantil é sempre desafiador. Cada criança tem o seu jeito de ver e produzir arte, não vejo porque interferir na produção das crianças. É inquestionável o quanto a arte é importante nessa fase da educação. O professor de Arte que atua nesse nível de ensino tem que ser um grande observador e perceber as mudanças de fase de cada criança e sua percepção em relação a tudo que a cerca. Atualmente existe um reconhecimento diferenciado sobre as possibilidades cognitivas e sociais da criança como alguém que participa ativamente do seu processo de educação, mesmo possuindo ainda pouco conhecimento e experiência de vida. A criança atual é questionadora e observadora, assim ela se torna um sujeito participante ativo da cultura social e histórica no seu processo educacional. O professor que trabalha com a educação infantil deve estar atualizado,

tem que ser pesquisador, observador e buscar sempre a ampliação do seu conhecimento. Além da busca pela atualização, deve perceber que a linguagem artística está inserida em todos os espaços e que, ainda, é sua a obrigação em buscar um processo de ensino-aprendizagem que desperte a curiosidade das crianças em relação às diversas linguagens artísticas que as rodeiam.

A principal motivação para sustentar o presente trabalho, reside na importância que o tema possui para a educação infantil e especificamente para a arte-educação.

Podemos afirmar que estudar a influência da fundamentação teórica na produção artística das crianças aprofunda a compreensão de uma nova forma de enxergar a criança não somente como um repetidor, mas sim como um produtor autêntico de novas possibilidades dentro do mundo da arte. Levar até as crianças uma fundamentação que não está inserida dentro do seu contexto escolar pode despertar nos alunos a capacidade de entender futuramente, com maior facilidade, os conhecimentos a respeito dos processos da produção artística.

Em tempos turbulentos em termos políticos e econômicos como os atuais, inserir a arte enquanto uma disciplina que faz a criança pensar e não apenas reproduzir, pode funcionar como um catalisador para mudanças vindouras. Garantindo assim, uma sociedade mais madura no futuro.

3. O PÉ DE MOLEQUE DA EMEI SANTA AMÉLIA

As EMEIs são escolas de educação infantil que atendem crianças na faixa etária de creche (0 a 3 anos) e pré-escolar (4 e 5 anos). O município de Belo Horizonte, há vários anos, é referência nacional no atendimento a crianças na rede pública e, nos últimos anos, tem ampliado o número de vagas oferecidas na Educação Infantil. A EMEI Santa Amélia se encontra no bairro Jardim Atlântico, na região da Pampulha em Belo Horizonte e teve todo o seu projeto pensado na lógica da criança. Devido a sua localização, essa EMEI atende um público diversificado no aspecto sócio cultural. Os alunos atendidos pela EMEI residem nos bairros Santa Amélia, Copacabana, Jardim Atlântico, Céu Azul, Leblon e Santa Mônica. A Escola é bem estruturada, possui 14 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, banheiros dentro do prédio, banheiros adequados para educação infantil, sala de secretaria, almoxarifado, refeitório, cozinha e lavanderia. Seu espaço externo possui um pequeno teatro de arena, jardim, parquinho infantil e todo espaço escolar é adequado a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

A direção da EMEI Santa Amélia atualmente está na responsabilidade das professoras Andreza de Moraes Lima, como Diretora, e Shirley de Amorim Aguiar, como vice Diretora. Elas indicaram para a minha pesquisa a turma Pé de Moleque¹.

A turma Pé de Moleque é uma turma com alunos de 05 anos de idade, do turno da tarde, que tem como professora regente a Professora Cristiane Paraíso Cunha Mendes de Souza. Nessa turma estudam 10 meninas e 12 meninos, um dos alunos é autista e conta com o auxílio da Selma Cássia, na função de Apoio ao Educando.

3.1 Chegando à escola

A princípio não achei interessante aparecer de forma repentina para a turma e ao mesmo tempo começar um projeto sem uma apresentação. Por isso o meu primeiro contato com os alunos foi em uma “roda de conversa”, bem curta e objetiva.

¹ As turmas da EMEI Santa Amélia são nomeadas com nomes como turma “Pé de Moleque”, turma “Mineirão”, etc.

Cheguei à escola, onde a direção e a professora da turma já me aguardavam. Esperei por um tempo na recepção próximo à entrada, até que apareceram duas garotinhas, Amanda e Letícia, que vieram ao meu encontro, instruídas pela Shirley vice-diretora. Elas estavam de mãos dadas e pediram para que eu as acompanhasse até a sala delas, que fica no segundo andar do prédio. Chegando à sala me deparei com olhares curiosos. A professora Cristiane me recebeu e me apresentou para a turma, conversei durante alguns minutos com a professora explicando para ela como seria minha pesquisa e quais eram os meus objetivos, nesse momento as crianças me olhavam atentamente. Depois me apresentei para a turma como professor de artes e disse que queria fazer um trabalho bem legal com eles. Todos me ouviam atentamente, perguntei quem gostava de artes, quem gostava de desenho, quem gostava de pintura e para todas as perguntas a resposta foi um “EEEEUUUUU”, gritado em coro por toda a turma. Perguntei também se alguém sabia o que era uma tela de pintura e obtive um unanime “Nãaaaaooooo” como resposta. Me dirigi até o fundo da pequena sala onde tinha uma pequena tela de pintura pendurada na parede, apontei para a tela sem falar nada como se estivesse dando uma dica, até que eles perceberam e começaram a gritar que aquilo era uma tela e que eles sim sabiam o que era. Expliquei para eles que nós pintaríamos duas telas grandes e os olhos brilharam. Despedi-me da turma e ao chegar à porta, os alunos que eu acabara de conhecer se levantaram e correram na minha direção dando um abraço coletivo cheio de carinho.

3.2 Primeiro dia de pintura: organização do trabalho e a pintura livre.

Como o valor das telas para pintura com tamanhos grandes é alto, resolvi construir as telas usando madeira de pinus, o tecido americano cru e tinta látex para o fundo branco. A princípio a ideia era construir as duas telas com os alunos, mas isso demandaria tempo e talvez, pela idade deles e as limitações em usar ferramentas, isso não seria um momento tão bem aproveitado. Resolvi construir as telas e já levá-las prontas para o colégio.

Para o primeiro dia de pintura, cheguei à EMEI com duas telas que mediam um metro de altura por um metro e meio de largura cada uma. Dirigi-me à sala da turma Pé de Moleque e fui recebido com sorrisos e novamente um grande abraço coletivo. Após eles se organizarem expliquei para a turma o que iríamos fazer

naquele dia. Nesse dia a turma estava sob os cuidados da professora Roseni Gomes Santos de Paula, que é a professora de apoio do turno da tarde. Descemos para um local que a professora escolheu, localizada atrás do prédio, próximo ao parquinho onde elas costumam brincar. Todos se assentaram numa escadaria e eu coloquei uma das telas no chão. Mesmo sendo uma tela grande, não havia a possibilidade das 22 crianças da turma pintarem ao mesmo tempo, portanto, definimos que em todas as etapas de pintura na tela a turma seria dividida em três grupos, sendo dois grupos com sete alunos e um grupo com oito alunos. Enquanto um grupo produzia sua pintura os outros dois grupos observavam os que pintavam.

Esse tipo de organização, onde um aguarda a vez do outro, é de suma importância na formação da criança para o exercício diário da cidadania. Viver em sociedade é, acima de tudo, uma necessidade humana. Esse exercício social depende, principalmente, do respeito mútuo e do ato de entender às regras de convivência. Para as crianças, em especial, é na escola onde o ato de dividir o mesmo espaço é mais intenso e que as normas de relacionamento com o meio são mais bem exercidas. A formação da criança enquanto cidadã é um processo importante na infância, esse período é a base para diversas aprendizagens. Usar a instituição de educação para repassar valores como solidariedade e tolerância é indispensável. Em casa, a criança aprende com a observação e isso reflete em outras proporções na escola. Nesse sentido, segundo Vygotsky: “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. (VYGOTSKY, apud DAVIS e OLIVEIRA, 1993, p. 56). O ambiente escolar é o espaço onde o ponto máximo da interação social da criança acontece, é nesse momento, longe da família, que ela experimenta o contato com outras pessoas e suas vivências.



Figura 1 - PINTURA LIVRE

Foto tirada durante a pintura da primeira tela. A pintura foi conduzida de forma livre, sem orientação teórica prévia.

A primeira orientação dada às crianças foi que eles poderiam pintar livremente o que quisessem e que nós professores não responderíamos nenhuma pergunta relacionada à pintura. A tela produzida seria totalmente criada por eles e a forma de trabalho e as técnicas utilizadas também não teriam interferência dos professores que acompanhavam a pesquisa (Figura 1). O local onde estávamos não era muito bom e no dia ventava muito, mas isso não interferiu na vontade das crianças. Quando foi escolhido o primeiro grupo elas logo correram para pegar os pincéis e os potes de tinta. Cada uma escolheu o seu lugar e começaram sem timidez a desenhar diretamente na tela, cada uma com seu pincel e sua tinta. Aos poucos eles iam fazendo algumas perguntas como: “posso trocar a cor da tinta?”. Eu e a professora fazíamos sinal apontando a boca fechada, até eles entenderem que não iríamos responder essas perguntas. As crianças da turma Pé de Moleque já possuem um traço definido e particular e algumas formas figurativas foram aparecendo aos poucos na tela.

No segundo dia de pintura cheguei um pouco mais cedo e procurei o lugar onde a professora Cristiane havia me indicado. É um pequeno teatro, com três fileiras de arquibancada e um pequeno palco semicircular. Os alunos foram novamente divididos em grupos, os que observavam ficavam na arquibancada e os que pintavam com a tela no chão do palco. As tintas foram colocadas em forminhas de gelo para facilitar o acesso a vários tipos de cores.

3.2.1 A misturas das cores

As crianças da turma Pé de Moleque já possuíam certa familiaridade com as tintas, mas ainda se mantinham tímidos em relação a misturas de cores, até que em um determinado momento um aluno que observava confundiu o trabalho feito na pesquisa com uma regrinha deles de dentro de sala de aula. Gabriel disse aos colegas que não podia misturar as cores, percebi o que ele disse e fui até ele para conversarmos sobre o porquê da sua fala: “*é porque se misturar muda de cor*” foi sua resposta². A professora Roseni entrevistou dizendo a eles que eles estavam confundindo com as massinhas de modelar usadas em sala de aula, e que as tintas eles poderiam misturar. A fala da professora deu um *start* na busca por novas cores e novos tons. As outras crianças escutaram e se sentiram a vontade para fazer suas misturas.



Figura 2 - DISCUSSÃO SOBRE “MISTURA DE CORES”.

Foto tirada durante a pintura da primeira tela. Neste momento os alunos discutem sobre a mistura de cores.

A forma como as crianças faziam as misturas de cores era bem desordenada. Eles ainda não conheciam nada sobre a teoria das cores, era mesmo uma busca de mudança, uma forma de sair das cores tradicionais. Deixei que elas experimentassem ao máximo sem interferir nas cores que eram escolhidas para as

² NÃO PODE MISTURAR. Mou Freitas. **Youtube**. 04 nov. 2019. 3min36s.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bJbvsARe2os>> Acesso em 26 nov. 2019.

misturas e nem na forma como essas cores eram misturadas. A aluna Yasmim perguntou para a Amanda: “*como é que faz cinza?*”. Rapidamente fui em direção a elas, pois percebi que era um momento importante para essa pesquisa já que eles ainda não tinham estudado as cores e que faríamos isso no próximo encontro. Incentivei a continuidade da conversa e das experimentações até que bem rápido a Yasmin me disse: “*é certo ó, verde, roxo, olha aqui... deu cinza*” e ao final do vídeo ela descobre como interferir na tonalidade do cinza misturando também com a cor preta e ainda me ensina uma “mágica”: ela mistura um tom de azul com amarelo e obtém a cor verde, todas as suas descobertas Yasmim Emanuelle conseguiu sozinha³.



Figura 3 - A MÁGICA DA YASMIM

Foto tirada durante a pintura da primeira tela. A mistura de cores ainda é uma descoberta.

A descoberta da mistura de cores foi o grande atrativo da nossa primeira tela. Notei que faltava a eles organizar o procedimento para as misturas. Com o uso de um único pincel e a falta de limpeza dele aos poucos as tintas que estavam nas bandejas foram perdendo sua cor original e se transformando em uma cor escura, onde predominava a cor cinza (Figura 4).

³ COMO É QUE FAZ CINZA? Mou Freitas. **Youtube**. 04 nov. 2019. 3min44s.

Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fZrSolVJiL4>> Acesso em 26 nov. 2019.



FIGURA 4 - RECIPIENTES APÓS A PINTURA DA TELA 1

Foto tirada após a pintura da primeira tela. Demonstra a falta de técnicas e organização na mistura de cores.

3.3 “PORQUE A GENTE MISTUROU”

No nosso terceiro encontro voltamos para a sala de aula e, dessa vez, tivemos uma aula sobre cores. A sala, dividida em grupos com 04 alunos, o que já é cotidiano para eles. Distribuí tinta guache nas cores azul, vermelho e amarelo em cada mesa e um pincel pra cada aluno. Todos os alunos receberam uma folha com uma espécie de “questionário” para responder colorindo. Nessa folha continha círculos que elas preencheriam seguindo a minha orientação.

Os círculos deveriam ser preenchidos com as três cores primárias e outros onde faríamos a mistura das cores primárias para obter as cores secundárias (Figura 6). Primeiramente, eu pedi pra elas responderem colorindo com as cores que imaginavam que seria resultado das misturas sugeridas na folha que receberam. Todas as folhas de resposta foram registradas com foto antes do próximo passo que seria descobrir as respostas corretas.

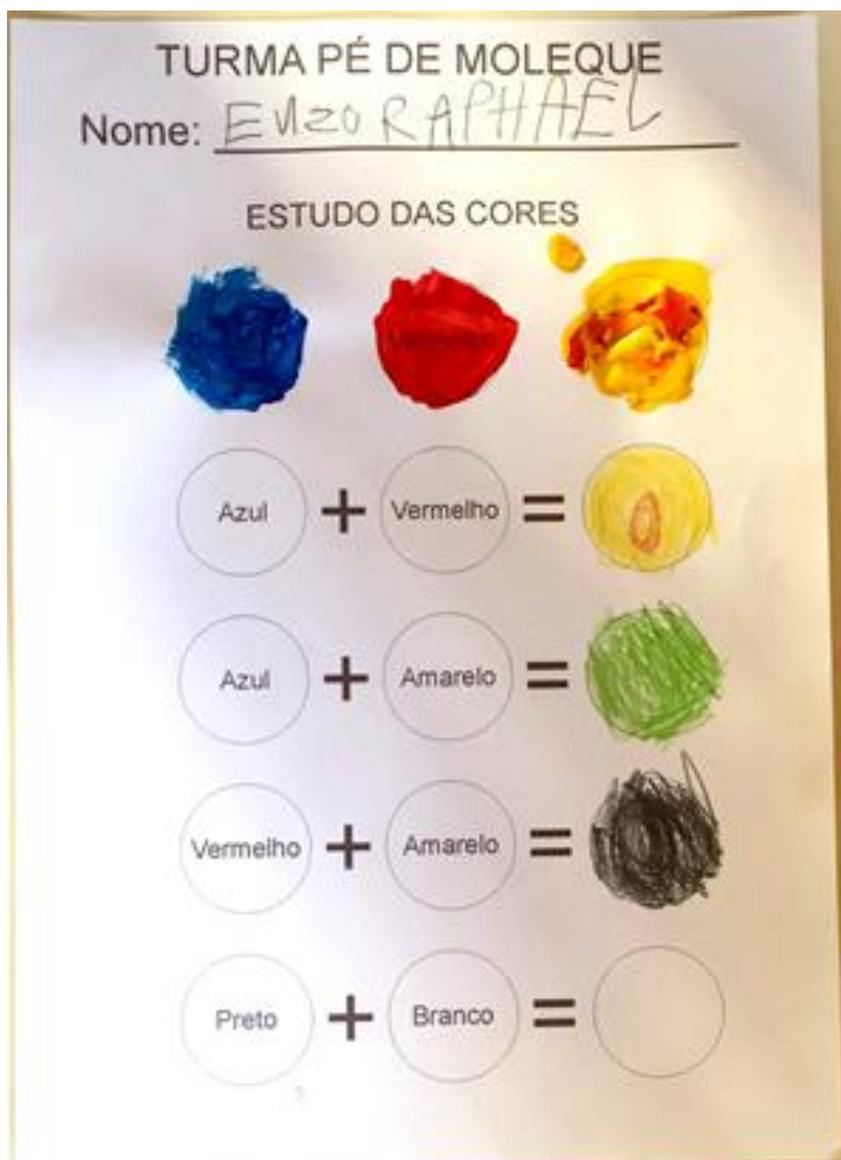


FIGURA 5 - DESCOBRINDO A MISTURA DE CORES

Foto do exercício de mistura de cores antes das crianças descobrirem as repostas corretas.

Após todos responderem com as cores que pensavam ser a resposta, fizemos as misturas das tintas para descobrir as repostas corretas. As misturas eram feitas primeiramente nos copinhos de plástico para depois usar a tinta nos papéis. As crianças se empolgavam muito ao descobrirem os resultados das misturas das cores primárias.



FIGURA 6 - RESPONDENDO PINTANDO

As crianças da turma Pé de Moleque descobrindo as misturas de cores.

3.4 “Esse pintor era doidão”: o contato com o surrealismo

Nosso próximo encontro foi para uma aula novamente em sala de aula. O tema escolhido para a fundamentação teórica com as crianças foi o Movimento Surrealista. O Surrealismo, como é popularmente chamado, foi um movimento artístico de vanguarda que surgiu em Paris no início do século XX. A arte surrealista não se restringiu às artes plásticas, de modo que também influenciou manifestações em outras linguagens artísticas como a escultura, a literatura, o teatro e o cinema.

O Surrealismo buscava a valorização da fantasia e a reação do automatismo psíquico, no qual o artista deixava-se levar pelo impulso criativo, registrando tudo que lhe vinha à mente sem nenhuma preocupação com conceitos lógicos. Foi grande o uso dos sonhos e do subconsciente na criação das imagens surrealistas. Para André Breton, autor do primeiro Manifesto Surrealista e um dos precursores desse movimento, a intenção do momento era de acreditar, como fazem as crianças, que a vida está limitada ao instante. “O espírito que mergulha no Surrealismo revive com exaltação a melhor parte de sua infância.” (BRETON, A. *Manifestes du Surréalisme*. Paris: Gallimard, 1979, p. 52.). Segundo a Doutora em Filosofia Paula

Padilha da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a criança tem um olhar diferenciado para a tudo.

Nada demove uma criança em plena brincadeira. Irresistivelmente atraída pelas coisas, por todas as coisas, pelos restos, pelas sobras, por tudo aquilo que o adulto deixa de lado, ela se lança de corpo inteiro para olhar, tocar e pegar qualquer resíduo de matéria que surja em seu campo de visão. É como se em cada objeto rejeitado a criança pudesse reconhecer o rosto inteiro do mundo das coisas, um mundo que se apresenta a ela e somente a ela. Todos os seus sentidos estão em ação em plena potência, num tempo vertical, onde o mundo se encerra e se perfaz. (PADILHA, 2015, p.5)

Também costumo comparar o movimento surrealista com a imaginação das crianças. Já brinquei por diversas vezes com amigos, que se você disser a um adulto: “na próxima semana iremos à lua!” ele lhe olha com desdém e te acha um louco, mas se você fala essa mesma frase para uma criança ela já começa a “planejar” a viagem à lua imediatamente e provavelmente ela te dará várias formas de chegar lá, talvez até mesmo o projeto de um foguete, tudo do jeito dela.



FIGURA 7 - AULA TEÓRICA SOBRE SURREALISMO

Fotografia tirada durante a aula teórica que apresentei às crianças artistas e obras do movimento surrealismo. (Foto: Cristiane Paraíso)

Foi apresentado para os alunos pinturas desse movimento, que tinha como base os sonhos e o subconsciente. Atenciosas, as crianças conheceram Salvador Dali e René Magritte, dois dos grandes nomes do surrealismo. A cada obra que era mostrada para elas, eu pedia que me descrevessem a obra, do jeito delas. Crianças de 05 anos esperam sempre trabalhos práticos na aula de artes, por isso cada obra foi explicada sem a complexidade que o surrealismo talvez exija, tudo de forma bem simples e com uma linguagem acessível a eles com o intuito de não deixar a aula teórica cansativa.



Figura 8 - O CHAPELEIRO MALUCO

*Fotografia tirada durante uma explicação sobre a influência dos sonhos no movimento surrealista
(Foto: Cristiane Paraíso)*

Para esta aula usei o meu chapéu da fala, uma cartola preta, com um óculos estilizado preso a ela. As crianças de 5 anos argumentam sobre tudo o tempo inteiro e para organizar as suas colocações sobre o que estava sendo mostrado, combinei com elas que só poderia falar quem estivesse com o chapéu na cabeça. Num primeiro momento todos queriam falar somente para usar a cartola. Pediam a palavra levantando seus dedinhos e diziam: “*minha mãe já me mostrou isso*”, “*eu vi no celular da minha mãe*”. Então combinei com elas que somente falaríamos sobre o que achamos das imagens e que depois eu emprestaria a cartola para quem quisesse experimentar. A cartola me transformou em um personagem, me sentia o

Chapeleiro Maluco do autor inglês Lewis Carroll⁴, levando Alice para mais uma viagem pelo País das Maravilhas. A cada obra mostrada tínhamos diversas reações, tanto minha quanto das crianças, tornando a aula de artes teórica divertida e menos cansativa para eles.

Para esse dia tinha planejado uma atividade de desenho como complemento da aula teórica, mas o tempo foi insuficiente e a atividade, com a autorização da professora Cristiane, foi dada como dever de casa. Cada um deveria desenhar algo que, para eles, estaria fora da realidade - surreal: aquilo que se encontra para além do real. Ao final da aula, Lívia, aluna da turma, veio ao meu encontro e me deu de presente um desenho que ela tinha feito em casa, me abraçou e depois me disse sorrindo: "Moisés, esse pintor era doidão"!



FIGURA 9 - CONCENTRAÇÃO E TEORIA

Foto tirada durante a aula teórica sobre surrealismo. A foto retrata a concentração das crianças durante a explicação. (Foto: Cristiane Paraíso)

⁴ Lewis Carroll (1832-1898) foi um poeta e romancista inglês. É o autor de "Alice no País das Maravilhas".

3.4.1 “Eu sonhei que estava num mundo de unicórnio e ele era todo de arco íris”: redesenhando Dali e Magritte.

A próxima atividade planejada com a turma Pé de Moleque era uma aula sobre técnicas de pintura. Teríamos uma conversa sobre o uso dos materiais e técnicas básicas como o uso dos pincéis, o cuidado com os materiais e alguns “segredos de artista”. Antes de começarmos a aula os alunos nos apresentaram o “para casa”, dado na aula anterior. Todos os alunos assentados e cada um com seu desenho na mão ia até a frente da sala e explicava para a turma o que tinham feito. Fiquei impressionado com a capacidade que as crianças possuem de guardar as informações da aula teórica.

O Movimento Surrealista, quando estudado, não sai mais da memória e do imaginário das pessoas. Quem não se lembra dos relógios derretidos de Salvador Dalí? As imagens criadas pelos pintores surrealistas fixam na memória e agradam facilmente pessoas de todas as idades. A mente da criança já tende a liberar mais a criatividade que adolescentes e adultos por diversos fatores, a criança não tem medo de errar e eles se jogaram com tudo na ideia de criar imagens ligadas aos sonhos.

Uma das pinturas mostradas na aula teórica para os alunos foi a obra *Ovo Cósmico* de Salvador Dali, essa pintura traz uma paisagem com uma construção branca com andaimes escorados e pessoas trabalhando. Ao centro um sol irradiante e pouco abaixo um pequeno lago com um barco. Observando a obra de forma mais aprofundada vemos que o sol, o lago e a construção branca nada mais são do que a gema, a clara e a casca de um ovo. As crianças ficaram impressionadas com a capacidade que o Dali tinha de mesclar as imagens e fazê-las ter outro significado a não ser o que primeiro vem aos olhos. A aluna Isabela se inspirou nessa pintura para fazer a sua obra de para casa. O Cauã explicou para a turma que fez um balão cheio de joaninhas, com as explicações das obras íamos brincando e falando sobre o que mais poderia ser o desenho do colega⁵.

⁵ MEU BALÃO COM JOANINHA. Mou Freitas. **Youtube**. 04 nov. 2019. 1min46s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OHoTLxxYx2s>> Acesso em 26 nov. 2017.

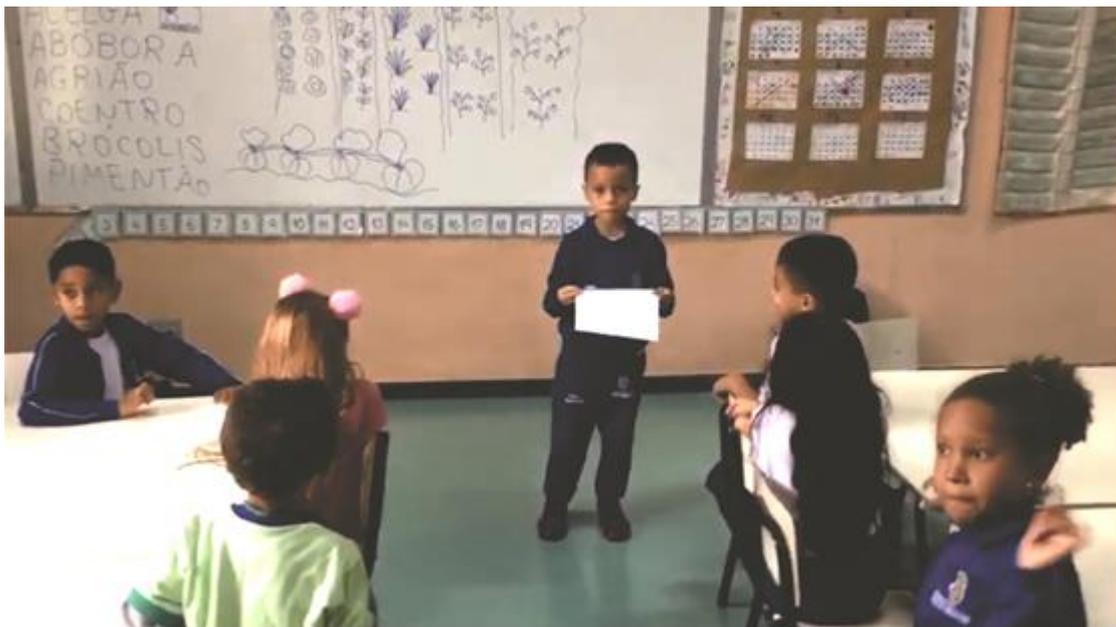


FIGURA 10 - CAUÃ E SEU BALÃO COM JOANINHAS
Foto tirada durante a apresentação dos desenhos dos alunos.

Os alunos iam explicando seus trabalhos e todos nós nos divertíamos muito. Teve guarda chuva colorido com um copo de água em cima dele, desenho que o Arthur fez inspirado na obra *A Férias de Hegel* (1958), do pintor belga René Magritte⁶.



FIGURA 11 - ARTHUR E SUA RELEITURA DE MAGRITTE
Foto tirada durante a apresentação dos desenhos dos alunos.

⁶ ARTHUR E O GUARDA CHUVAS. Mou Freitas. **Youtube**. 04 nov. 2019. 49s.
Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=YBLHHdiEuTg>> Acesso em 26 nov. 2019.

O conceito do surrealismo ficou marcado na memória dos alunos da turma Pé de Moleque e não tivemos apenas releituras nesta atividade, as crianças criaram suas próprias obras surrealistas. A aluna Júlia Castro encantou a todos quando mostrou seu desenho e disse: *“eu sonhei que estava num mundo de unicórnio e ele era todo de arco íris”*, a Yasmim Alves nos agradeceu com um “unicórnio sereia” e a Amanda desenhou seu sonho de brincadeiras, onde o nome do professor Moisés estava ao centro com vários corações e estrelas ao redor⁷.



FIGURA 12 - JÚLIA E SEU MUNDO DE UNICÓRNIO
Foto tirada durante a apresentação dos desenhos das crianças.

É impressionante como o movimento surrealista conquista a atenção e a admiração das crianças. Elas se identificam pois entendem que no mundo do surrealismo a imaginação não fica presa a conceitos formais do desenho, o realismo não é obrigatório e o seu sol pode sim ter olhinhos e boquinha.

3.4.2 “Os segredos dos artistas”: um pouco de técnica

Após todos apresentarem seus trabalhos voltamos para nossa aula de técnicas e materiais. Na primeira tela que pintamos, coloquei junto aos materiais uma caixa de lápis carvão que é usado para o esboço do desenho na tela de pintura, nenhum dos alunos fez uso dos lápis de carvão. Nessa conversa apresentei para

⁷ MUNDO DOS UNICÓRNIOS. Mou Freitas. **Youtube**. 04 nov. 2019. 2min42s.
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Key_vsnaNns> Acesso em 26 nov. 2019.

eles o lápis carvão, explicando que normalmente antes de pintar os artistas fazem esboços que são desenhos do que eles vão pintar na tela, expliquei como se usava corretamente os pincéis, o cuidado com as tintas e o cuidado com a tela. Conte alguns “segredos de artista” como: não misturar a tinta azul com o pincel sujo de tinta vermelha para aproveitar melhor as tintas e que se quisessem misturar para ter outras cores eles poderiam usar outro recipiente ou misturar diretamente na tela de forma a manter a tintas originais. Todos acompanhavam atentamente as orientações e participavam com muitas perguntas. Nesse dia fizemos uma atividade de desenho livre usando novamente a tinta aquarela para que eles aplicassem as técnicas de pintura que eles tinham acabado de aprender.



FIGURA 13 - TÉCNICAS DE PINTURA

Fotografia tirada durante a aula de técnicas de pintura. (Foto: Cristiane Paraiso)



FIGURA 14 - O SEGREDO DOS ARTISTAS

Fotografia do momento em que revelava aos alunos alguns “segredos dos artistas”. (Foto: Cristiane Paraiso)



FIGURA 15 - AULA TEÓRICA SOBRE TÉCNICAS DE PINTURA

A fotografia retrata as crianças aplicando as técnicas de pintura que aprenderam.



FIGURA 16 - AULA TEÓRICA SOBRE TÉCNICAS DE PINTURA
A concentração das crianças durante o ato de pintar.



FIGURA 17 - PINTURA EM SALA
As crianças da turma Pé de Moleque colocando em prática o que aprenderam sobre técnicas de pintura.

3.5 “*Blu blá blá bli bluá*”: a influência surrealista

Estávamos ansiosos para a pintura da segunda tela. A proposta e o procedimento seriam os mesmos da pintura da primeira tela, a turma dividida em grupos onde alguns observavam enquanto outros pintavam e os professores não iriam interferir nem no processo da pintura nem na criação das crianças.

O objetivo agora era observar o comportamento dos alunos após as aulas de fundamentação teórica. Observar como se comportariam durante o processo de pintura da tela e como as aulas teóricas influenciariam na pintura da segunda tela.

No primeiro dia de pintura da segunda tela fomos para o espaço do pequeno teatro novamente. Os grupos foram divididos e autorizados a começarem a pintura. Todos os alunos foram até os materiais e pegaram tintas, pincéis e o lápis carvão para desenhar na tela (Figura 19). Somente após o desenho eles começavam a pintura. Nesse momento já foi possível observar uma influência da aula teórica na organização dos trabalhos das crianças, visto que na pintura da primeira tela elas não esboçaram o que fariam e desenhavam usando diretamente o pincel e a tinta.



FIGURA 18 - PINTURA DA TELA 2

As crianças desenhando com lápis carvão antes de usar tintas para a pintura da segunda tela.

A influência dos surrealistas ainda pairava a mente das crianças. Enzo nos disse que iria pintar um carro asteroide, com uma antena para se comunicar com alienígenas. Quando o perguntei o que eles falavam quando se comunicavam, minha mentalidade adulta inocentemente esperava que ele dissesse algo como: “Olá

somos alienígenas!”, mas Enzo sem pensar me disse: “*Blu blá blá bli bluá*” e continuou a pintar, como se a linguagem alienígena que ele acabara de criar fosse a coisa mais comum do mundo⁸.

Nesta fase os alunos se demonstraram mais à vontade com a pintura da tela, pareciam que já sabiam o que iriam fazer, criaram autonomia e não ficavam mais perguntando o que podiam ou não fazer.

Existe uma disparidade no tipo de desenho que as crianças da turma Pé de Moleque produzem. Cada um faz do seu jeito, alguns já demonstram uma habilidade e um contato maior com o desenho e com a pintura, seus desenhos já demonstram uma estrutura de figuração definida. Outros não conseguem ainda organizar suas ideias em uma imagem e mesmo desenhando antes não conseguem ainda, pintar com organização, ultrapassam as linhas do seu desenho e às vezes até “invadem” o desenho do colega. No começo da pintura a tela estava com desenhos bem definidos (Figura 19), à medida que o tempo foi passando e as crianças foram ocupando o espaço da tela alguns desenhos foram se perdendo. Ao final do primeiro dia da pintura, o último grupo de crianças que pintou perdeu o foco no objetivo do trabalho e voltou a experimentar misturas de tintas na tela, com isso eles cobriram alguns desenhos que alunos anteriores tinham pintado (Figura 21), causando um pequeno atrito entre a turma.



FIGURA 19 - INÍCIO DA PINTURA DA TELA 2

O primeiro grupo a pintar organizou bem o espaço e fez desenhos com traços bem definidos.

⁸ CARRO ASTERÓIDE. Mou Freitas. **Youtube**. 05 nov. 2019. 41s.

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=YRhVR3JL24Y> > Acesso em 26 nov. 2019.



FIGURA 20 - OS EXPERIMENTOS DE CORES CONTINUAM

Primeiro dia de pintura da tela 2. As crianças do último grupo a pintar cobrindo com seus experimentos de tinta o que os colegas tinham produzido.

No momento em que alguns alunos começaram a reclamar que outros estavam “tampando” o trabalho deles pensei em como deveria intervir, pois como combinado antes nós professores não iríamos interferir nem no processo da pintura nem na criação das crianças. Resolvi então apenas dizer aos alunos que não cobrissem o trabalho dos colegas, mas não falei nada sobre a mistura de cores. Cada aluno absorve as informações de forma diferente, alguns entenderam que era o momento de aplicar o que aprenderam nas aulas teóricas, outros movidos pela curiosidade da descoberta de novas cores resolveram testar outras misturas.

3.5.1 “Que dia que a gente vai pintar a terceira tela?”: finalizando os trabalhos.

O Segundo e último dia de pintura da segunda tela coincidiu com a semana das crianças. Quando cheguei, a EMEI Santa Amélia estava cheia de heróis, heroínas, princesas e bruxinhas, era o dia da semana em que as crianças vão fantasiadas para a escola. Nos dirigimos com as crianças novamente para o pequeno teatro onde conversei com elas explicando que seria o último dia de pintura na tela. Todos empolgados para terminar a pintura. O que mais me chamou a atenção nessa segunda fase da pesquisa foi a organização que as crianças tiveram nos procedimentos técnicos da pintura, como: desenhar antes de pintar e principalmente o cuidado com as tintas. Os recipientes onde colocamos as tintas que ao final da primeira pintura da primeira tela ficaram com uma cor quase única (Figura

21). Ao final da pintura da segunda tela estavam praticamente intactos e agora eles organizavam os pincéis usando um para cada cor. Quando queriam fazer uma mistura usavam outro pincel limpo para não misturar as tintas na forminha e ter um aproveitamento maior das cores (Figura 22).



FIGURA 21 - TINTAS AO FINAL DA PRIMEIRA TELA
O recipiente de tintas após a pintura da primeira tela.



FIGURA 22 - TINTAS AO FINAL DA SEGUNDA TELA
O recipiente de tintas após a pintura da segunda tela.

Nesta fase da pintura, as crianças estavam mais tranquilas em relação ao ato de pintar. Elas foram se acostumando com os processos, com as tintas, com os pincéis e com o espaço. Na primeira tela elas estavam agitadas e queriam produzir o máximo de pintura possível, sem pensar no que estavam fazendo, apenas faziam.

Na segunda tela as crianças se demonstraram mais confiantes e determinadas no que estavam produzindo e o processo de pintura foi mais tranquilo.

Ao final do trabalho do segundo dia de pintura, pedi às crianças que se assentassem na arquibancada, mostrei a tela para elas e perguntei se estava pronta, como um coral eles me responderam que “siiiiiiimmmmm”. Expliquei para eles que ali terminava nosso trabalho e que eu ainda viria um dia na escola, pois no primeiro dia que encontramos prometi para eles que se tudo desse certo eles teriam uma aula de desenho de personagens. Eles ficaram tão envolvidos com o fato de pintar uma tela tão grande que mesmo explicando que tínhamos terminado fui interrompido pelo Enzo com a pergunta: “que dia que a gente vai pintar a terceira tela?”. Expliquei novamente que tínhamos terminado o trabalho e uma semana depois voltei à escola para cumprir minha promessa, então fechamos com uma aula divertida sobre como criar um personagem, as crianças adoraram. Eu me despedi delas, agradei e, novamente, como no primeiro dia, ganhei um carinhoso abraço coletivo.

4. AS DUAS TELAS

4.1 “Posso fazer o que eu quiser?”: criação livre.

A primeira tela pintada pelos alunos da turma Pé de Moleque foi produzida, como já dito antes, sem nenhuma interferência dos professores que acompanhavam as crianças na pintura, toda a parte criativa, estrutural e também o processo foi definido pelos alunos.



FIGURA 23 - TELA 1

Primeira tela pintada pelos alunos de forma livre e antes das aulas teóricas.

Normalmente crianças de 5 anos estão iniciando a fase da representação figurativa. Desenham pessoas, casas, árvores, nuvens, carros e flores fazendo, muitas das vezes, cópias de um padrão que os adultos os ensinam.

Os desenhos feitos pelas crianças da turma Pé de Moleque não fogem a essas características. Todas as colocações a seguir estão relacionadas à posição em que a fotografia foi tirada pois, como as crianças pintaram em volta da tela no chão, cada um fez o seu desenho virado para si, portanto, a tela não tem definição do lado de cima ou de baixo podendo ser vista de qualquer ângulo.

Podemos observar algumas flores, rostos humanos representados com um grande círculo como cabeça, com olhos e boca. É comum também, para essa idade, a criação de ambientes como casas e paisagens do campo. Podemos observar no canto inferior esquerdo alguns quadrados com triângulos que representam algumas casas. Em dois locais podemos observar uma organização de espaço com um personagem humano em um ambiente. O primeiro no canto inferior direito onde um sol amarelo se destaca, esse sol faz parte do ambiente da figura humana que está ao seu lado (Figura 24). Coincidentemente na parte superior à direita, temos uma representação parecida, outra figura humana na cor azul claro que também possui seu sol na cor azul escuro (Figura 25).



FIGURA 24 - SOL AMARELO

Este sol faz parte do ambiente da figura humana que está ao seu lado.



FIGURA 25 - FIGURA COM SOL AZUL

Figura humana com sol azul.

Os desenhos nessa tela não ficaram bem definidos. Atribuo isso ao fato de as crianças terem desenhado direto com os pincéis e tintas. Esses materiais não eram novidade para elas, mas o tamanho da tela pode ter influenciado e dificultado a organização espacial do desenho visto que eles estão acostumados com papéis no tamanho A4. Estava junto aos materiais o lápis carvão para o desenho, mas como a proposta foi pintar, eles usaram os materiais que eles consideravam materiais de pintura e o lápis carvão, que até então eles não conheciam, não estava nessa lista.

Como era o início do trabalho com eles e não é habitual uma tela com as dimensões da tela que usamos, as crianças estavam muito eufóricas e não se preocuparam tanto com os desenhos e sim com o preenchimento dos espaços com cores. Muitas das figuras na tela foram desenhadas por alguns alunos e depois preenchidas por outros. Tanto que ao final um grupo que misturou muitas cores obtendo uma cor cinza veio preenchendo vários espaços da tela que não tinham desenho e até mesmo pintando por cima de desenhos dos colegas. O coração com o contorno na cor laranja e preenchimento cinza que está na parte inferior à esquerda da tela é um exemplo disso.

A monocromia de alguns elementos foi outra característica marcante nesta tela. As crianças pegavam uma cor de tinta e faziam todo o desenho com a mesma cor. Um desenho que contrapõe isto é a borboleta no canto superior à direita que foi desenhada e pintada com quatro cores diferentes.

4.2 “NÃO É HOMEM SOL NÃO, É UM SOL E UMA ÁRVORE”: efeitos da teoria.

Após algumas aulas teóricas conhecendo alguns artistas e suas obras, aprendendo sobre materiais e técnicas de pintura, partimos para a produção da segunda tela.



FIGURA 26 - TELA 2

Segunda tela pintada pelos alunos de forma livre e depois das aulas teóricas.

A primeira mudança no processo da pintura foi a demarcação do desenho. Nessa produção antes da pintura as crianças fizeram esboços do que iriam pintar. Efeito da apresentação do lápis carvão que antes foi ignorado por elas devido à falta do conhecimento da finalidade do material.

O processo de mistura das cores também teve mudanças. O que antes era misturado pelas crianças com o pincel diretamente na tela agora passava a ser

testado antes nas forminhas com tintas. Com a aula de teoria das cores elas, agora, já tinham conhecimento de algumas misturas. A Lívia pegava um pouquinho de tinta amarela e misturava com a vermelha dizendo para as colegas ao lado: “Olha aqui, amarelo com vermelho fica cor de laranja”.

O efeito das aulas sobre Surrealismo também ficaram evidentes em alguns desenhos. A Yasmim Alves riscou seu esboço falando para as amiguinhas: “meu coração vai ter olho, boca e asa” (Figura 18). A proposta de imagens de dupla leitura tão usada nas obras surrealistas, principalmente por Salvador Dalí, ainda estava presente na memória das crianças da turma Pé de Moleque. Enzo disse para o Davi Nascimento: “que legal esse seu homem com cabeça de sol” e foi repreendido seguido por risadas: “Não é homem sol não, é um sol e uma árvore” (Figura 27).



FIGURA 27 - DAVI E O HOMEM COM CABEÇA DE SOL
Davi pintando seu sol com uma árvore.

Nesta tela podemos observar que os traços dos desenhos ficaram mais bem definidos e aqui a monocromia, característica marcante em alguns dos desenhos pintados na primeira tela, foi modificada. Com a prática de esboçar antes de pintar, os desenhos ficaram com suas divisões definidas proporcionando assim uma facilidade maior para a exploração de mais cores na pintura (Figuras 28).



FIGURA 28 - A CASA AMARELA
Traços definidos facilitando a divisão das cores.

Ao final da pintura algumas crianças, perderam o foco no objetivo do trabalho, e recomeçaram a experimentação de mistura de tintas na tela, muitos desenhos foram cobertos deixando o resultado final da pintura bem parecido com o da primeira tela.

5. CONCLUSÃO

A partir deste estudo foi possível obter uma visão da influência do estudo de técnicas básicas de pintura em tela no ato da produção da pintura, bem como, da influência do estudo de períodos e movimentos artísticos que constituem a história da arte no processo criativo de crianças de 05 anos.

As técnicas de pintura estão relacionadas aos materiais que se utilizam para pintar e a forma como esses materiais são utilizados. Estudar na infância técnicas de pintura é um caminho para que a criança entenda porque a pintura se difere das outras artes, sugerindo a elas o entendimento da leitura de elementos estéticos, como a figura, a forma, a textura e a cor.

O estudo da história da arte é, de fato, de grande importância na infância. Por meio dela nos localizamos no tempo histórico e na formação cultural da humanidade. A arte pode significar emoção, sentimento e cultura. Uma das suas principais características é permitir que o objeto artístico se exprima por meio da imaginação. Portanto, a arte pode ser uma maneira sincera encontrada naturalmente pela criança para atribuir um significado à realidade que o cerca, e uma forma de orientação que transforma a vivência em conhecimento.

A infância é um período de descobertas e é na educação infantil que as crianças têm os primeiros contatos com as linguagens artísticas, cabendo ao arte-educador valorizar a criatividade que elas demonstram nas suas produções e compreender a importância que existe no ato de pesquisarem, explorarem e criarem coisas novas.



REFERÊNCIAS

ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. *Artes visuais. Artes II. Belo Horizonte. 2009*

BRETON, André. *Manifestes du Surréalisme. Paris: Gallimard, 1979.*

DAVIS, Claudia. OLIVEIRA, Zilma. *Psicologia na educação. São Paulo: Cortez, 1993.*

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Educação Infantil e Arte: sentidos e práticas possíveis, 2010.*

PADILHA, Paula. *O instante da imagem – Benjamin, surrealismo, infância. Rio de Janeiro: 2015.*